Raquel Zandomeneghi

Batético:

Coloquei minha roupa favorita – um vestido de alças preto, justo e simples, que vai até metade das minhas coxas – para um encontro com João daqui duas horas, mas que eu estava ansiosa havia mais de três dias. Eu e João já nos encontramos pessoalmente duas vezes, embora nunca sozinhos. Nas nossas poucas interações, sempre concordamos em tentar marcar uma janta ou um cinema só os dois. Eu sempre me frustrava, porque, apesar de ele reagir aos meus stories e curtir minhas fotos no Instagram com certa frequência, toda vez que tentava marcar algo concreto, ele não estava disponível. Entendia, afinal, que não era comum que um médico residente – característica que me atraía muito – tenha muito tempo livre mesmo. Dessa vez, contudo, foi diferente, e devo muito a Lara, minha amiga, e Marcos, seu namorado e conhecido de longa data de João. Os dois combinaram um jantar para que eu e João pudéssemos nos conhecer melhor. Cheguei na casa dos dois alguns minutos antes do combinado e esperei mais um pouco no hall de entrada, para não parecer mais interessada do que gostaria. Logo fiquei preocupada de João me encontrar lá embaixo parada e achei melhor subir de uma vez. Como imaginei, João ainda não havia chegado, mas Lara e Marcos fizeram de tudo para me acalmar, “tudo vai dar certo, não tem como ele não gostar de ti”. Me sentei ao lado de Lara, enquanto Marcos cozinhava, e começamos a beber vinho para que eu conseguisse ser mais espontânea na hora que João chegasse. Já havia terminado a terceira taça e sentido meu rosto corar há um bom tempo e nem sinal de João aparecer. Estávamos tão distraídos rindo e bebendo que nem me importava mais dele não ter ido (a decepção viria no dia seguinte). Logo anunciei, em meio às risadas, “não tem problema que João não venha, o importante é que eu estou em ótima companhia!”. Após ouvirem isso, Lara e Marcos se olharam. Assim que recebeu o aceno de cabeça do namorado, ela começou: “amiga, a gente precisa te contar uma coisa. O João não vem porque não foi convidado. Na verdade, a gente queria saber se você topa...”

Catártico

Ao contrário da maioria, gostava de visitar as cidades litorâneas durante o inverno. O céu cinza e o vazio na faixa de areia contrastando com o barulhento movimento das ondas quebrando a faziam se sentir pequena e ao mesmo tempo especial por ser a única a testemunhar aquela manifestação da natureza. Olhou uma última vez para o mar antes de se virar e voltar para o carro, onde ficaria por mais duas horas no trajeto de volta para a lotada Porto Alegre nas manhãs de segunda-feira. Ao chegar no veículo, começou a se preparar psicologicamente para se despedir do fim de semana de calmaria que tivera e iniciar mais um ciclo enclausurada 9h por dia no escritório. Quando já havia ligado o carro, começou a ouvir uma discussão por perto. Olhou para o lado e avistou duas pessoas na rua: um homem e uma mulher. Os dois gritavam, e o homem agarrava a mulher pelos braços e punhos. O casal parecia estar alcoolizado, especialmente pela agressividade com que tratavam um ao outro. Quem ganhou aquela briga física foi o homem, que empurrou a mulher e a derrubou na calçada. Logo saiu andando, mas, na tentativa de atravessar a rua, fora jogado metros à frente pelo carro que acabara de acelerar. A motorista, assustada com a sua própria reação, parou o veículo e olhou para a mulher jogada na calçada, que não temia mais o homem, mas agora o carro. Como quem lembra de um compromisso há pouco esquecido, a motorista deu ré e iniciou seu caminho em direção à estrada.